

Um dedo na ferida da crise

Luis Fraga, Editor

Não é legítima a afirmação de que o Brasil endividou-se de graça. Antes pelo contrário. O país mostrou uma imensa capacidade de oportunismo, ao aproveitar o momento certo — quando mais dinheiro circulava no mercado e em condições fáceis — para contrair seus empréstimos externos. E, na opinião de Amaury Fassy, «pode-se dizer que, nos últimos 15 anos, para cada 10 empregos, metade surgiu de forma direta ou indireta como consequência dos empréstimos contraídos no estrangeiro». O que veio depois não foi culpa do Brasil, mas do mau gerenciamento dos banqueiros internacionais que, na ganância de altos lucros, jamais cogitaram se os devedores iriam ter reais condições de pagar. O que existe, mesmo, diz Fassy, «é falta de seriedade deles, que não viram a tempo que o Brasil jamais teria condições de pagar nem um terço da dívida que estava contraindo. Agora, eles é que devem arcar com o ônus dos erros que cometeram». Em suma, o que «está em crise é o sistema capitalista como um todo, que atravessa a sua maior crise desde sempre, maior, mesmo, do que a crise de 29. São os países capitalistas chegando ao limite da capacidade de obterem recursos através da dívida pública, é a corrida armamentista agravando o desperdício da sociedade de consumo».

Amaury Fassy está lançando amanhã, às 19h, na Livraria Presença, seu mais recente trabalho — uma coletânea de artigos que publicou no **Jornal de Brasília**, reunidos num volume intitulado **Brasil: do FMI ao caos**, com prefácio do senador Itamar Franco, que discorre sobre a teoria de Amaury Fassy de que a dívida externa brasileira, de quase US\$ 100 bilhões, «jamais será paga». No parecer do senador, «agrava-se, perigosamente, a cada dia, a crise, e os homens do Governo na área econômica põem em prática uma política totalmente errônea e impatriótica: rolar a dívida para ganhar tempo». Para Amaury Fassy, o que se impõe, nesta hora, é reflexão sobre o momento em que o mundo está vivendo, quando o capitalismo agoniza e o socialismo — tal como ele se apresenta no bloco do Leste — não vive dias mais risonhos. O Brasil, com sua imensa capacidade de recuperação — imensa, mas não infinita — deve procurar

suas próprias saídas, prudentes, mas firmes. Estes cinco anos de recessão que lhe foram impostos fizeram com que cinco milhões de brasileiros fossem afastados do mercado de trabalho somente entre 81 e 84. Esse número, considera Amaury Fassy, jamais se recuperará. Isto, no entanto, não significa que outra recuperação não venha, mas certamente num ritmo mais lento.

O caminho que está se esboçando, conclui Amaury Fassy, parece ser o mais indicado. Em bloco, os países devedores reagem aos credores. Foi o que o ministro das Relações Exteriores da Argentina, Dante Caputo, veio dizer em Brasília. É a chantagem elevada ao sublime da diplomacia. Ou os credores aceitam as regras dos devedores, ou a convulsão social será inevitável e os efeitos vão atingir a todos por igual. Não vai ser uma tarefa fácil, já que nossos parceiros de diálogo

estão entre os países mais reacionários e conservadores que o capricho da história reuniu num mesmo momento da vida do mundo. Que governos mais conservadores poderiam ser encontrados que os de Reagan, Thatcher, Kohl e, até, de certa forma, Mitterrand, numa hora em que o Brasil e os demais devedores, latino-americanos e outros, precisavam de espíritos abertos, menos comprometidos com o passado e com uma visão mais ampla das necessidades do futuro e dos riscos do presente. Esta posição de Amaury Fassy leva-o a defender, com firmeza, a política de bloco para a conversação devedor-credor. Já que do lado de lá se formou um bloco granítico, a solução está na formação de um outro bloco do lado de cá, mas não granítico — um bloco firme, mas permeável às soluções, sejam elas quais forem.

A situação que se vive hoje não aguenta até o virar do século. O governo norte-americano não poderá continuar pressionando uma alta do custo do dinheiro para dobrar a ameaça dos potenciais investidores japoneses. Então, os devedores terão condição de se fazer ouvir. Países como o Brasil poderão iniciar o próximo século com as maiores taxas de crescimento, se uma nova ordem sócio-econômica conseguir se impor — uma ordem baseada no meio termo, com a transferência de renda dos governos desenvolvidos para bancar a diferença de quase 3% fora a **prime rate** e outras taxas, que incidem sobre uma dívida global de mais de 800 bilhões de dólares. A contrapartida seria alguma submissão às multinacionais. Assim, seriam reativados os grandes investimentos. Do jeito como está, com a pressão do FMI — na verdade, um posto avançado na defesa dos interesses das grandes potências —, o problema da dívida externa dos países pobres é a bola de neve, que aos poucos vai envolvendo devedores e credores até se tornar tão grande, tão grande que se desintegre. E nessa linha que, diz Amaury Fassy, o Brasil deve orientar seus passos. O caminho aberto pelas diretas, já pode servir para que se encontre a nova ordem indispensável, mesmo quando as alternativas fornecidas pelos diferentes candidatos não se apresentem como as ideais. É hora de se questionar, conclui: Tancredo, ou as grandes rupturas históricas?



Fassy: a hora da verdade